

O dia seguinte

Os eleitores votaram para ter um Brasil diferente desse que está aí, mas os problemas do país não têm solução a curto prazo



Durante a campanha eleitoral encerrada na última semana, os brasileiros acostumaram-se a usar uma expressão romântica para mostrar como será favorável o clima geral da nação às primeiras medidas a serem adotadas pelo novo presidente. Haverá um período de lua-de-

mel entre o presidente e o país, repete-se por toda parte — e ele precisa tirar partido dessa trégua para mostrar serviço logo e conquistar a confiança do povo, que é um elemento vital para o governo dar certo. Se houver no entanto alguma lua-de-mel entre Fernando Collor de Mello e a nação exausta após dez anos de sofrimento econômico e deterioração social, ela provavelmente será a mais curta fase de romance já observada em toda a história das eleições presidenciais no país — não por culpa do eleito, mas pela própria situação lamentável e desalentadora em que se encontra o Brasil neste final de década.

Depois de uma fase de estagnação, que dura desde o início dos anos 80, e após o cataclisma do governo José Sarney, que teve quatro ministros da Fazenda, aplicou quatro choques econômicos, conviveu com três moedas e legou ao país uma inflação que em dezembro está em 50% ao mês, algo que no início do governo João Figueiredo era a cifra para um ano todo, o país atravessa aquela que pode ser sua maior crise em todo o século. “Os problemas com que vou me deparar são grandes como o Brasil, são enormes”, admitia na noite de domingo Fernando Collor de Mello, recolhido a sua residência em Brasília, onde acompanhava com assessores e amigos os boletins da televisão sobre a contagem dos votos, em contato com o instituto de pesquisa Vox Populi, um dos que trabalharam para ele nesta campanha, e de olho no seu aparelho de fac-símile, que expelia informações de seus fiscais eleitorais em todos os Estados. Collor, já certo da vitória, segurava um copo com uísque Logan.

No último domingo, porém, quem dava o tom que deverá prevalecer no início do governo de Collor de Mello era, estranhamente, a fatia perdedora do eleitorado, aquela que votou em Luís Inácio Lula da Silva e murchava a cada divulgação das pesquisas de boca de urna, logo após o encerramento da votação. A verdade é que Collor de Mello terá uma estréia medonha no Planalto, já que ele vai herdar a maior massa falida da História brasileira, sem contar os atritos políticos que terá de superar. Quando em Roma se elege algum papa, repete-se uma tradicional frase de comemoração — *habemus papam*. No Brasil, que saiu das urnas no domingo passado com o nome de seu novo dirigente consagrado pela vontade da maioria, era

um alívio para muitos dizer que *habemus presidente* — mas seria preciso acrescentar que não *habemus solução*. O Brasil não está condenado pela eternidade à situação de país fracassado. Mas suas dificuldades, neste momento em que Collor se transforma no primeiro presidente eleito pelo voto popular em 29 anos, são de tal magnitude que elas não podem ser solucionadas por um ato de vontade do presidente ou de quem quer que seja. Também não existe, no rol dos grandes problemas brasileiros, rigorosamente, nenhum que possa ser resol-

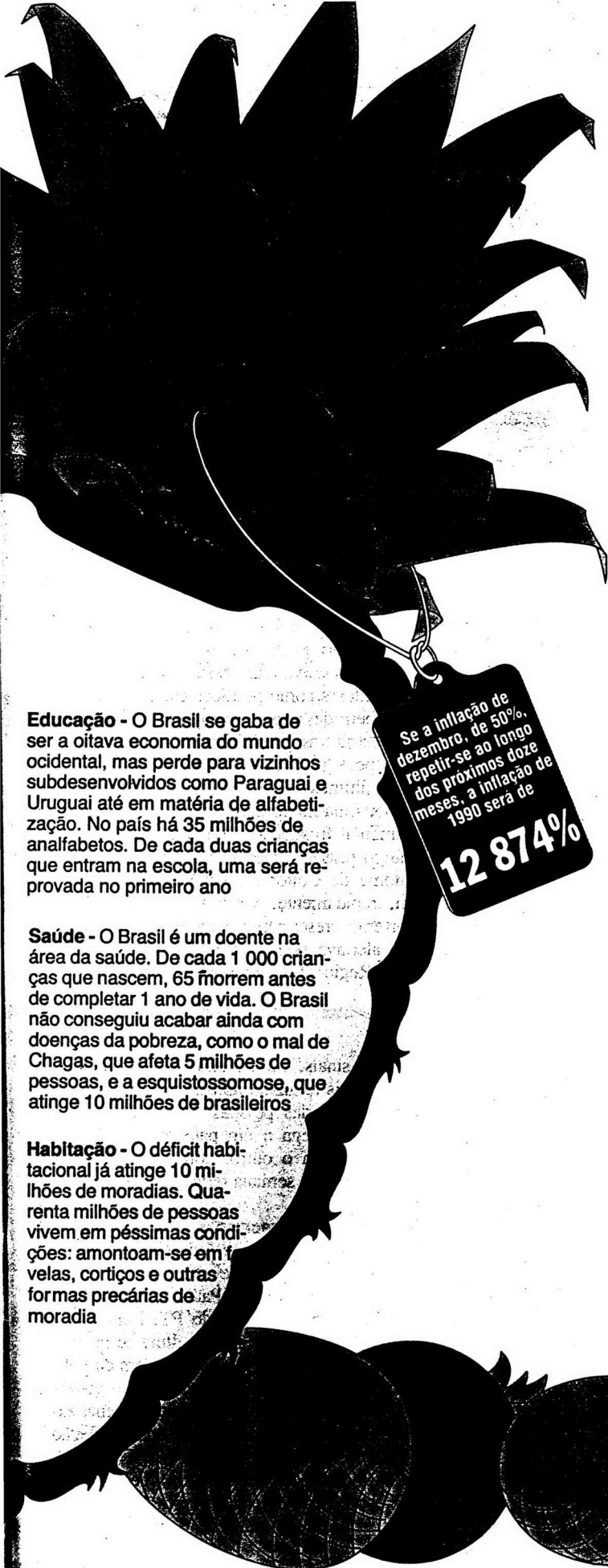
O tamanho do abacaxi

Os principais problemas que desafiam o novo governo

Inflação - É a pior doença do país, porque tem efeitos colaterais que se espalham por todos os pontos do tecido social, e deve ser o primeiro problema a ser combatido. Os sinais da hiperinflação já podem ser sentidos, e, para reverter esse quadro, o próximo governo terá que tomar medidas duras

Déficit público - As contas públicas acusam um rombo de 27 bilhões de dólares. A incapacidade do governo atual de controlar as suas despesas funcionará como uma bomba de efeito retardado. Collor terá um problema de solução difícil neste item

Reforma do Estado - O Brasil tem um serviço público ineficiente que deverá consumir, em 1990, entre 60% e 80% da receita disponível. Há no país 181 estatais. A falta de um saneamento transformou essa máquina num pesado fardo para o governo e tem impedido o desenvolvimento do país



Educação - O Brasil se gaba de ser a oitava economia do mundo ocidental, mas perde para vizinhos subdesenvolvidos como Paraguai e Uruguai até em matéria de alfabetização. No país há 35 milhões de analfabetos. De cada duas crianças que entram na escola, uma será reprovada no primeiro ano

Saúde - O Brasil é um doente na área da saúde. De cada 1 000 crianças que nascem, 65 morrem antes de completar 1 ano de vida. O Brasil não conseguiu acabar ainda com doenças da pobreza, como o mal de Chagas, que afeta 5 milhões de pessoas, e a esquistossomose, que atinge 10 milhões de brasileiros

Habitação - O déficit habitacional já atinge 10 milhões de moradias. Quarenta milhões de pessoas vivem em péssimas condições: amontoam-se em favelas, cortiços e outras formas precárias de moradia

Se a inflação de dezembro, de 50%, repetir-se ao longo dos próximos doze meses, a inflação de 1990 será de

12 874%

vido a curto prazo, tanto no campo econômico quanto no social. “A situação é péssima”, afirma o historiador Luiz Felipe Alencastro, professor da Universidade de Campinas e pesquisador do Cebrap — Centro Brasileiro de Análise e Planejamento. “Nossa crise é enorme e já vivemos no limite da segregação institucionalizada entre os poucos ricos e os muitos pobres — é um verdadeiro apartheid social.” É num cenário desse tipo, deteriorado e cruel, que desembarcará Fernando Collor, logo depois da posse. O dia seguinte do novo presidente será sombrio.

Pelo alcance de suas dificuldades materiais, o Brasil situa-se no momento entre as nações mais desanimadoras do mundo. Sem contar os países vitimados por guerras, revoluções ou catástrofes naturais, regiões como Líbano ou Colômbia, o Brasil é um dos campeões na lista dos derrotados. Seu fracasso começa por um recorde mundial, a dívida externa de 120 bilhões de dólares, a mais alta fatura do planeta. Como não tem caixa para liquidar esse débito, o governo do presidente Sarney declarou uma moratória em 1987 e, do meio do ano para cá, navega numa segunda, com a diferença de que esta não é declarada. Pelo que se observava nos dias que antecederam a eleição, Sarney gosta de cortar os pagamentos aos credores estrangeiros. Pouco antes de depositar seu voto secreto na urna, o presidente deixou claro que apoiava a moratória prometida por Luís Inácio Lula da Silva, no caso de ser eleito.

A quantidade e a qualidade das doenças brasileiras assustam de tal maneira que quase não se entende como uma pessoa em seu juízo perfeito entra numa disputa eleitoral para presidente da República. Na verdade, junto com a Presidência, Collor adquiriu o direito de administrar um pesadelo. No dia em que os brasileiros o escolheram para governar o país, a inflação mensal, medida dias antes, estava nos 50% mensais, o que significa uma jamanta de 12 874% de taxa anual. Se Collor tomar posse sob a ameaça de uma taxa mensal de 60%, o total anualizado será de 28 000%. Isso ainda será muito pouco, já que a previsão dos economistas é de que ele deverá mesmo trombar de testa com pelo menos 70% ao mês e 56 000% ao ano, na antecâmara de uma hiperinflação, se não estiver já afogado até o pescoço no caldeirão da híper.

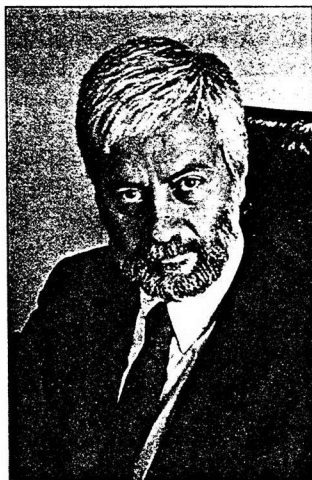
Diante de um cenário assim, o empresariado continuará com suas reservas engavetadas no over ou no dólar, em vez de usá-las em investimentos produtivos, enquanto o governo permanecerá sob o espremedor que lhe suga as energias financeiras, pagando juros ferozes para obter os empréstimos com que cobre seu rombo de caixa. Em resumo: investimentos estagnados no setor privado e no setor público, um fenômeno que já vem ocorrendo há muito tempo no Brasil, desde que o país entrou na rota atual que o leva a escorregar para patamares cada vez mais fundos da crise. Na tradução desse quadro econômico para a vida prática de todos os dias, o que se revela é um país onde falta transporte, escola, hospitais e até comida para o povo. “Todo o trabalho que a gente fez até agora é nada perto do que vamos enfrentar na hora em que tivermos de substituir a teoria pela prática”, reconhece Zélia Cardoso de Mello, a assessora de Collor de Mello para questões econômicas durante a campanha.

Até recentemente, apenas os especialistas radiografavam o Brasil para estudos, enquanto a população se limitava a sofrer os efeitos da crise. O povo que saiu da campanha eleitoral na semana passada era, contudo, bem diferente daquele que nela mergulhou há meio ano. Nesse período, os problemas do país foram submetidos à maior exposição pública de que se tem notícia em toda a sua

CINTO APERTADO

“O choque fiscal é condição indispensável para derrubar a inflação. É preciso parar de emitir e fazer um ajuste nas contas do governo. A terapia mais eficaz a curto prazo é a centralização dos gastos nas mãos do presidente, que só liberaria recursos na medida da disponibilidade de caixa. O resto entraria na fila.”

EDMAR BACHA, *economista*



ANTONIO AUGUSTO FONTES



PAUL JUNIOR

FATOR DE PERTURBAÇÃO

“O Brasil tem um problema muito grave, que é a inflação. Os outros vêm na maioria em decorrência desse. Assim, o problema está no governo e no seu déficit. Se o novo governo convencer a sociedade de que vai acabar com o déficit em suas contas, o grande fator de perturbação estará eliminado.”

DELFIN NETTO, *deputado*

História. Nunca aconteceu uma situação em que tanta gente ouvisse tanto sobre as chagas brasileiras como nos meses que antecederam à escolha do presidente, especialmente no programa eleitoral gratuito, que conquistou um público monumental, às vezes equivalente a 70% de todos os telespectadores. Estima-se que algo como 90 milhões de pessoas estavam diante dos televisores ligados nos momentos iniciais do último debate entre Fernando Collor de Mello e Luís Inácio Lula da Silva, quinta-feira passada.

Durante a campanha, as pessoas reclamaram bastante da superficialidade dos programas dos candidatos, como se desejassem se afogar em elevadíssimas discussões teóricas, a exemplo das que existem nos livros acadêmicos que ninguém lê. A verdade é que, apesar de suas falhas, os concorrentes à Presidência fizeram uma auditoria do Brasil aos olhos da multidão. Desse exame resulta uma coisa básica: a miséria brasileira. Nas exposições e nos comícios, o país foi mostrado como um território onde 70 milhões de cidadãos sobrevivem com menos de dois salários mínimos, 35 milhões não sabem ler e 65 entre cada 1 000 crianças nascidas vivas já vêm ao mundo condenadas a morrer antes do primeiro ano de vida. Poucos

países no mundo vão tão mal das pernas nesses terrenos vitais. Nos indicadores de educação e saúde, um espelho da qualidade de vida, o Brasil perde, por exemplo, para países como Paraguai e Trinidad e Tobago.

Foi para mudar esse quadro infeliz que o Brasil foi às urnas no domingo passado. A própria escolha de Collor e Lula no primeiro turno deixa clara essa verdade: ambos foram percebidos pelos eleitores como políticos capazes de mudar isso que está aí. Também dessa percepção veio a ruína dos caciques e das grandes estruturas partidárias, como PDMB e PFL — os responsáveis pelo governo e pela construção disso que está aí, ao longo dos últimos anos. A partir das esperanças semeadas por Collor e por Lula no coração dos eleitores, pode-se apostar numa monumental frustração do eleitorado. Os que votaram em Lula domingo passado já estão frustrados. Os que marcaram a cruz no nome de Collor e receberam sua vitória com esperança podem, rapidamente, vir a se frustrar. “Em 1990, dificilmente ocorrerão crescimento econômico e melhor distribuição de renda”, alertava pouco antes da eleição, num trabalho para o Conselho Regional de Economia de São Paulo,

Os sinais que o dólar emite

Como se deve ler a economia pelo black

Os saltos do ouro e do dólar no mercado paralelo costumam assustar as pessoas e deixar no ar uma sensação de que as pilastras econômicas que sustentam o país tremeram mais uma vez. Considerando-se a economia como um todo, esses pulos, na verdade, são mais um sinal de fogo do que um incêndio real. Ninguém sabe ao certo quanto esses ativos representam no conjunto do mercado financeiro, já que uma fração do ouro vendida no país é clandestina, e todo o dólar negociado no paralelo não tem registro na contabilidade oficial. Apesar disso, segundo cálculos confiáveis, estima-se que os mercados do

ouro e do dólar, juntos, movimentem 80 milhões de dólares por dia — apenas a mílimesima parte do dinheiro que circula diariamente no over, que soma 80 bilhões de dólares.

Quanto ao ouro, a quantidade negociada a cada dia não tem nenhuma influência sobre a economia como um todo. Já o dólar, um mercado sensível cujos preços reagem facilmente e sobem diante de qualquer onda de boatos, tem certa influência, mais psicológica do que real. Diante de estímulos externos que sejam de alguma forma hostis à economia, como o risco da eleição de um candidato socialista como Lula, o dólar se agita e acaba transmitindo sinais negativos aos outros setores da economia.

Esses sinais, no entanto, têm uma força bem mais reduzida do que a apreçoada pela maioria das pessoas, mesmo quando a variação chega a um patamar de 25% de um dia para o outro, como aconteceu na terça-feira da semana passada.

RUMO CATASTRÓFICO — “As pessoas estão assustadas por causa da situação política”, dizia na quinta-feira da semana passada um doleiro de São Paulo, referindo-se à ascensão do candidato do PT, Luís Inácio Lula da Silva, que àquela altura se processava nas pesquisas eleitorais. Além da política, é certo que o calote dado pelo governo argentino na dívida interna e a sinalização do governo brasileiro de que a inflação de dezembro ultrapassará os 50% também contribuem para que a procura pelo dólar e pelo ouro aumente. Da mesma maneira, é certo que esse ainda não é um indício de

ENCRUZILHADA AMARGA

“Em 1990, dificilmente ocorrerão crescimento econômico e melhor distribuição de renda. Estaremos diante de trajetórias amargas: embarcar num programa de estabilização bem-sucedido, ou nos deixar conduzir, pela inércia da subida dos preços, à desorganização econômica e social, à hiperinflação.”

ADROALDO M. DA SILVA,
economista



BIA FARIAS



LUIS DANTAS

O LIMIAR DA HÍPER

“Acho que não vamos chegar à hiperinflação, mas já vivemos no limiar de uma. Os sinais estão todos à vista. O novo governo precisa aproveitar o clima favorável que se cria numa eleição para nomear pessoas capazes e começar o trabalho na economia. Tendo governo, é possível resolver.”

CARLOS A. LONGO,
economista

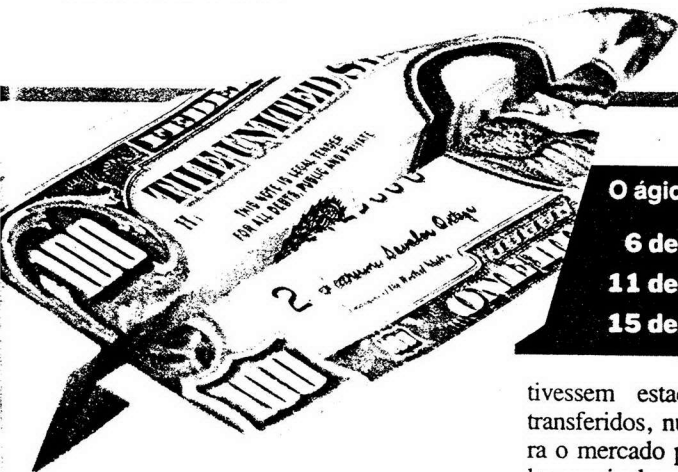
o professor Adroaldo Moura da Silva, da Faculdade de Economia e Administração da Universidade de São Paulo. “Estaremos em 1990, mais do que em qualquer outro momento do passado recente, diante de trajetórias amargas”, acrescenta Moura da Silva.

Em seu contato com o eleitorado durante as últimas semanas, tanto Collor quanto Lula fizeram crer que tinham solução imediata para os males da pobreza — ou pelo menos deram a entender que possuíam a fórmula para enfrentar essas dificuldades. É evidente que se tratava de uma balela, dessas que os candidatos se sentem obrigados a sustentar para atrair votos. Ninguém imagina, porém, que os trens de subúrbio no Rio de Janeiro vão ficar impecáveis daqui a seis meses, ou então que as filas de ônibus do Recife vão desaparecer só porque Fernando Collor de Mello substituiu José Sarney no Palácio do Planalto. Também é absolutamente certo que a Previdência, neste período, vai continuar a ser aquele calvário de sempre, em comparação com os sistemas se-

melhantes que existem nos países civilizados. Enfim, o Brasil ainda será uma máquina falida no ano que vem com Collor na Presidência, da mesma forma que seria com Lula ou qualquer outro dos 21 candidatos que chegaram ao primeiro turno. Collor é um ponto de partida, não uma chegada.

O que existe de positivo na mudança do presidente é, em primeiro lugar, a própria substituição de um governo exausto e desmoralizado, que colhe seu único resultado positivo na contribuição que deu para a transição da fase autoritária de governo para um cotidiano de plena democracia. Além disso, a eleição de Collor deflagrará sinais positivos que já serão percebidos nesta semana mesmo. É indiscutível que o empresariado, que andou por um bom tempo em suspense, com receio da eleição do socialista Luís Inácio Lula da Silva, ficará agora mais animado com a garantia que Collor fornece ao capitalismo. Nos próximos dias, os empresários vão insistir na linguagem de que o Brasil amadureceu, mas nem por isso deixarão de ordenar a seus departamentos de remarcação que continuem a funcionar a todo o vapor.

A corrida para o dólar, um sinal sempre vivo de que a economia está febril, também continuará em cena, mas é provável



O ágio do dólar levanta vôo

6 dez - **97,18%**

11 dez - **161,25%**

15 dez - **145,17%**

que o país chegou ao fundo do poço. “Ninguém tira dinheiro em massa do over para aplicar em ouro ou dólar”, afirma Clarice Pechman, uma economista carioca especializada em câmbio. “Mesmo porque esses mercados são muito pequenos e eles não comportariam todo esse dinheiro”, diz Clarice.

Se apenas 20 milhões de dólares que es-

tivessem estacionados no over fossem transferidos, numa situação imaginária, para o mercado paralelo, por exemplo, o dólar possivelmente passaria a custar 200% a mais do que custa hoje. “No caso de entrarem mais 30 milhões no mercado do dólar, é muito provável que todas as operações dos doleiros sejam paralisadas”, analisa Clarice. Se uma transferência desse porte viesse de fato a acontecer, aí, sim, haveria um sinal claro de que a economia tomou um rumo catastrófico no país.

“No dia em que 1% do over migrar para

o dólar ou para o ouro, estaremos vivendo um período de hiperinflação”, acredita Maria Cecília Pereira de Mello, advogada paulista que acompanha de perto as aplicações dos empresários no mercado financeiro. Na verdade, o que configura uma hiperinflação não é tanto a gordura do índice que registra a variação de preços de um mês para o outro, mas principalmente o fato de as pessoas desprezarem a moeda de seu país — numa situação semelhante à que aconteceu na Argentina na metade deste ano, quando desde uma peça de roupa até um jantar em um restaurante eram calculados em dólar. No Brasil, por mais que o cruzado venha sendo dilapidado pela inflação, o dólar ainda está longe de balizar as compras em um supermercado, por exemplo.

que o ritmo da procura do mercado paralelo caia para um estágio bem inferior ao registrado nos últimos dias, quando o ágio do dólar no black saltou de menos de 100% para 160%. Também é de prever um arrefecimento no envio de dinheiro para o exterior, um movimento que atingiu a soma de 12 bilhões de dólares só este ano, conforme os cálculos disponíveis. Com Collor, e não Lula, acaba o pânico criado nas últimas semanas diante da perspectiva de um calote na dívida interna, algo que o PT anunciava através de medidas de aparência mais amena, como a retenção de apenas parte do dinheiro dos emprestadores. No fundo, trata-se de calote mesmo.

Nenhuma dessas reações positivas elimina, porém, a raiz dos problemas brasileiros, a começar pelo veio mais forte — a inflação. Há formas de combatê-la, é claro, mas os brasileiros desconfiam já há algum tempo dos golpes que o governo sabe desferir contra ela — mesmo porque o de Sarney metralhou-a com quatro pacotes econômicos e nada conseguiu no fim das contas. “O Brasil só tem um problema realmente básico, a inflação — os outros vêm em consequência dela”, diz o deputado Antônio Delfim Netto. Entre os economistas, há divergências a respeito —

SINAIS CONTRADITÓRIOS

Às vésperas da eleição presidencial, a economia brasileira emitia sinais contraditórios. Enquanto o governo contabilizava uma inflação de 50% para este mês, os consumidores enchiam as lojas em busca de presentes de Natal. Em São Paulo (foto), a ciranda dos preços não espantou os compradores. Eles ajudaram a engordar as vendas de um comércio perdido em adivinhar os índices que deverão reajustar os preços de suas mercadorias.



de vários pontos da crise brasileira, mas eles concordam pelo menos num ponto: a primeira providência que Collor deve tomar, se quiser mesmo fazer alguma coisa útil de seu mandato, é dar um tranco duro na inflação. “Ele não pode pensar em outra coisa no começo de seu governo”, afirma o professor Mário Henrique Simonsen. “Se não resolver a inflação, não resolverá mais nada.” Para isso, há um caminho tradicional que ninguém desconhece e passa pelo controle de despesas no governo. Essa rota, porém, nunca agradou os governantes.

Desde que se instalou no Palácio do Planalto, o presidente Sarney fala em corte de despesas e até mesmo já fixou tetos a partir dos quais o déficit público não seria tolerado. Já faz algum tempo que o presidente não volta ao assunto. Como o rombo persiste, seu silêncio só pode ter um significado — Sarney desistiu de lutar nesse campo. Em certos momentos, o presidente também levantou a faca para cortar fatias das empresas estatais ou para eliminar companhias inteiras entre as 181 que fazem parte do patrimônio da União, onde se abriga 1 milhão de funcionários e se pagam salários que em muitos casos se tornaram abusivos. Nenhuma estatal sofreu um arranhão sequer. O governo

nem mesmo conseguiu extinguir duas autarquias cuja sentença de morte está assinada desde 1985, o Instituto Brasileiro do Café, IBC, e o Instituto do Açúcar e do Alcool, IAA. A principal resistência aos cortes situa-se no Congresso, um organismo especializado em aumentar, e não em diminuir gastos.

Em seu programa, o presidente Fernando Collor de Mello fala em privatização, mas nunca apresentou uma lista daquilo que vai vender nem explicou como pretende vencer a resistência dos parlamentares a qualquer iniciativa que signifique o desmanche do corporativismo na esfera estatal. “O governo não pode cortar nos investimentos, porque aí não existe mais gordura. O que resta é o quadro de pessoal”, diz Carlos Alberto Longo, da Faculdade de Economia e Administração da Universidade de São Paulo.

É esperar muito de um presidente que ele tenha força e coragem necessárias para enxugar sua máquina administrativa à custa de demissões, mesmo diante de uma situação bizantina como a que ocorrerá em 1990 quando a folha de pagamento consumirá de 60% a 80% da receita disponível da União. Com a ajuda obstinada do Congresso, que cria despesas sempre maiores para o Estado, o Brasil parece destinado a um caminho paralelo ao inventado pela ala esquerda da Igreja, que fez sua opção preferencial pelos pobres — a opção dos congressistas se faz preferencialmente pela pobreza. Esse é o cenário desfavorável em que Collor terá de realizar um governo austero. Se não usar a faca nos primeiros seis meses para diminuir os gastos, terá perdido a oportunidade de uma vez por todas — e, nesse caso, o resultado leva um nome conhecido, de larga circulação hoje em dia nos círculos de empresários e economistas. “Ou embarcamos num programa de estabilização bem-sucedido ou nos deixamos conduzir, pela inércia da subida dos preços, à desorganização da vida econômica e social, à hiperinflação”, alerta Adroaldo Moura da Silva.

Nos últimos dez anos, os brasileiros escorregaram de uma frustração a outra indefinidamente. O país patinou numa linha de estagnação, o governo Figueiredo revelou-se uma tristeza, a idéia das diretas morreu no Congresso, o presidente Tancredo Neves morreu no Instituto do Coração, o vice levou o Plano Cruzado ao fracasso, a Constituinte não fez qualquer milagre e os prefeitos do PT ficaram mais ou menos à altura de seus antecessores nas cidades que lhes foram confiadas. Agora, vive-se outra vez um momento de enorme expectativa e o sujeito das esperanças atende pelo nome de Fernando Collor de Mello. O novo presidente é incapaz de satisfazer as esperanças de seus eleitores, que não são realistas, mas pode ter alguma sorte se conseguir criar um ambiente favorável às soluções. Para isso, está condenado a ter logo uma boa margem de acertos, pois se vacilar no princípio o fracasso total é quase inevitável. No mais, deve rezar para que o Brasil ganhe a Copa do Mundo de junho. Isso sempre dá um fôlego extra ao humor do país e aumentará suas chances de empurrar a hora da verdade para o segundo semestre.

Este time já ganhou a Copa 90.

A primeira fase do Concurso Copa 90 Credicard-MasterCard terminou.

Sábado, dia 9 de dezembro, o sorteio da Fifa que definiu os países do Grupo do Brasil, definiu também a seleção de Associados, Estabelecimentos e Atendentes que não vão perder esta Copa do Mundo. Durante o Concurso, o Brasil demonstrou toda sua paixão pelo futebol. E o Credicard-MasterCard, sua força no mercado de cartões de crédito, recebendo mais de 1.000.000 de cartas do país inteiro. Aqui, você vai conhecer os felizardos, da primeira fase do Concurso, que ganharam passagens ida e volta para a Itália, com direito a acompanhante e tudo pago.

GANHADORES DE VIAGENS

Assoc: Janete Elisa Steinberg - SP
Estab: Rest. Marquês de Marialva
End: R. Haddock Lobo, 1587
Atend: Edilson Araújo

Assoc: Roberto C. Albuquerque Filho - RJ
Estab: Rest. Degrau
End: Av. Ataulfo de Paiva, 517 B - Leblon - Rio de Janeiro
Atend: Zeli Mendonça de Frias

Assoc: Ricardo de Moura Gonçalves - RJ
Estab: Rest. Caçarola
End: R. Augusto dos Anjos, 12 - Ribeira - Rio de Janeiro
Atend: Charles Gomes Raidmann

Assoc: Eduardo J. F. de Araújo - RJ
Estab: Churrasc. Carretão/Lido
End: Rua Ronald de Carvalho, 55 - lj A e B
Atend: Antonio Almeida

E para demais sorteados que não vão à Copa, o Credicard-MasterCard traz a Copa até eles, premiando-os com televisores Philco Hitachi, de 20 polegadas e controle remoto.



GANHADORES DE TELEVISORES

Assoc: Genival dos Santos - SP
Estab: Churrasc. Dallas
End: Av. Paulo Facchini, 77 - Centro - Guarulhos - SP
Atend: *

Assoc: Luiz Francisco da Mota - Recife
Estab: Drogaria Guararapes
End: Av. Guararapes, 86 - lj 1 e 2 - Sto. Antonio - Recife - PE
Atend: Maelson Francisco Cunha

Assoc: Antonio Cunha Filho - RJ
Estab: Tiltex Modas
End: Av. Suburbana, 3280 - Del Castilho - RJ
Atend: Paulo Avance

Assoc: Joana D'Arc Jarrach - SP
Estab: Tecidos Tamintex
End: Av. Roque Petroni Jr., 1089 - lj 36 - térreo
Atend: Moisés Elias de Araújo

Assoc: Raquel Toledo Machado - SP
Estab: Trapik Modas
End: Av. Jabaquara, 667 - São Paulo
Atend: Felícia M. Tarasautchi

Assoc: Demarco Jorge Epifânio - RJ
Estab: Lanchonete Mineirinha
End: Av. Rio Branco, 156 - ljs. 21 e 23 - S/s 11 - Centro - Rio de Janeiro
Atend: Neia de Mattos

Assoc: Hugolino dos S. Neto - São José dos Campos
Estab: Churrascaria da Gruta
End: Rod. Presidente Dutra, 157
Atend: Rogério José dos Reis

Assoc: Sérgio Ambar - SP
Estab: Centro Ótico Pompéia
End: R. Turiaçu, 2100 - lj. 38/39
Atend: Elias Arkate Basoi

Assoc: Livete Deflon de Mello - Niterói - RJ
Estab: Trapion
End: R. da Conceição, 10 - Centro - Niterói
Atend: Nelia M. D. de Abreu e Silva

Assoc: Maria das Graças de França - SP
Estab: Lojas Sun Lee
End: R. Sen. José Bonifácio, 49 - Sto. Amaro - SP
Atend: *

Assoc: Rosângela Alves - SP
Estab: A Lançadora
End: R. São Bento, 307 - Centro - SP
Atend: *

Assoc: Sheila Felmar P. da Costa - RJ
Estab: Oklahoma Lanches
End: Sen. Vergueiro, 35 - lj C - Flamengo - RJ
Atend: *

Assoc: Maria Fernanda do V. Kelly - RJ
Estab: Le Coin Restaurant
End: Av. Ataulfo de Paiva, 658 B - Leblon - RJ
Atend: *

Assoc: Yara Maria G. A. Rezina - RJ
Estab: Sport Antonyms
End: R. Bolivar, 80 B - Copacabana - RJ
Atend: *

Assoc: Holandino A. de Cerqueira - BH
Estab: Restaurante Redondo
End: Av. Hortêncio Nepias de Lima, 855 - Pampulha - BH
Atend: Luis Carlos

Assoc: Maria Ivanete S. Medeiros - Natal
Estab: Casa José Araújo
End: R. Amado Barreto, 1270 - Alecrim - Natal
Atend: Paulo Freire Costa

Assoc: Mauro do Espírito Santo - RJ
Estab: Rest. Crack dos Galeto
End: R. do Rosário, 130 - Centro - Rio de Janeiro
Atend: Durval da Silva

Assoc: Márcio A. P. Cardoso - RJ
Estab: Lojas Magal/Bangú
End: Av. Cônego de Vasconcelos, 240
Atend: Maria de Fátima A. Barbosa

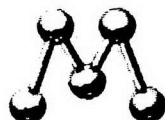
Agora, se você não participou do Concurso ou se participou e não foi sorteado, aguarde a segunda fase. No ano que vem, o Credicard-MasterCard vai fazer mais promoções e aumentar a torcida brasileira.

Credicard-MasterCard, o cartão oficial da Copa 90.

*Atendente não divulgado por não constar no comprovante.



AGAXTUR



REDE MANCHETE

PHILCO - HITACHI



O CARTÃO OFICIAL DA COPA 90.